

JOSÉ SARAMAGO

Di come il personaggio fu maestro
e l'autore suo apprendista

Discorsi di Stoccolma - 7 e 10 dicembre 1998



a cura di
Simonetta Masin



editrice petite plaisance

In copertina:
José Saramago.

JOSÉ SARAMAGO,
Di come il personaggio fu maestro e l'autore suo apprendista.
Discorsi di Stoccolma – 7 e 10 dicembre 1998.

Traduzione e cura di Simonetta Masin.

Discursos de Estocolmo
Autor: José Saramago
© José Saramago e Editorial Caminho, 1999
Distribuição gratuita

*Si ringrazia la Fondazione José Saramago
per aver autorizzato la pubblicazione dei testi.*

ISBN 88-7588-051-4

Copyright
© 2010



editrice
petite plaisance

Via di Valdibrana 311 – 51100 Pistoia
Tel.: 0573-480013 – Fax: 0573-480914
c. c. postale 44510527

www.petiteplaisance.it
e-mail: info@petiteplaisance.it

*Chi non spera quello
che non sembra sperabile
non potrà scoprirne la realtà,
poiché lo avrà fatto diventare,
con il suo non sperarlo,
qualcosa che non può essere trovato
e a cui non porta nessuna strada.*

ERACLITO

JOSÉ SARAMAGO

Premio Nobel per la Letteratura 1998

Di come il personaggio fu maestro
e l'autore suo apprendista

Discorsi di Stoccolma – 7 e 10 dicembre 1998

a cura di
Simonetta Masin

Testo portoghese a fronte



SIMONETTA MASIN è nata a Este e vive a Padova. Si è laureata in Lingue e Letterature straniere (Lingua e Letteratura Portoghese) presso l'Università degli Studi di Padova e con la tesi ha vinto il Premio Calabria – I ed. della sez. specifica. Successivamente ha seguito la scuola di Dottorato e ha conseguito il titolo di Dottore di Ricerca in Romanistica. Ha ottenuto, per tre anni di seguito, la borsa di studio dell'Instituto Camões di Lisbona e ha svolto attività didattica in Storia della letteratura portoghese presso l'Università degli Studi di Padova. Collabora con le Province di Padova e Venezia come commissario d'esame per le lingue portoghese e inglese. Ha pubblicato diversi interventi su riviste specializzate in critica letteraria, nazionali e internazionali. Ha tradotto e pubblicato poesie dal portoghese. Ha curato incontri sulla poesia portoghese e in omaggio a José Saramago. Scrive poesie e alcuni suoi testi sono stati segnalati al Premio di Poesia "Lorenzo Montano" (per la sezione di poesia inedita); ha ricevuto una menzione speciale al Premio "Trieste Scritture di Frontiera – dedicato a Umberto Saba" (sezione di poesia inedita).

Desidero qui ringraziare Fabio Magro, a cui va la mia stima.

S. M.

A mio figlio Alessandro

Momentos

*Fundação
José Saramago*

Há momentos assim na vida: descobre-se inesperadamente que a perfeição existe, que è também ela uma pequena esfera que viaja no tempo, vazia, transparente, luminosa, e que às vezes (raras vezes) vem na nossa direcção, rodeia-nos por breves instantes e continua para outras paragens e outras gentes.

(In *Manual de Pintura e Caligrafia*, ed. Caminho, 6ª ed., p. 291)

Momenti

*Fondazione
José Saramago*

Ci sono momenti così nella vita: si scopre inaspettatamente che la perfezione esiste, che è anch'essa una piccola sfera che viaggia nel tempo, vuota, trasparente, luminosa, e che alle volte (rare volte) viene nella nostra direzione, ci circonda per brevi istanti e continua verso altri luoghi e altra gente.

(trad. di S. M.)

*Discurso pronunciado a 7 de Dezembro de 1998
na Academia Sueca*

De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz

O homem mais sábio que conheci em toda a minha vida não sabia ler nem escrever. Às quatro da madrugada, quando a promessa de um novo dia ainda vinha em terras de França, levantava-se da enxerga e saía para o campo, levando ao pasto a meia dúzia de porcas de cuja fertilidade se alimentavam ele e a mulher. Viviam desta escassez os meus avós maternos, da pequena criação de porcos que, depois do desmame, eram vendidos aos vizinhos da aldeia. Azinhaga de seu nome, na província do Ribatejo. Chamavam-se Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha esses avós, e eram analfabetos um e outro. No Inverno, quando o frio da noite apertava ao ponto de a água dos cântaros gelar dentro da casa, iam buscar às pocilgas os bácoros mais débeis e levavam-nos para a sua cama. Debaixo das mantas grosseiras, o calor dos humanos livrava os animaizinhos do enregelamento e salvava-os de uma morte certa. Ainda que fossem gente de bom carácter, não era por primores de alma compassiva que os dois velhos assim procediam: o que os preocupava, sem sentimentalismos nem retóricas, era proteger o seu ganha-pão, com a naturalidade de quem, para manter a vida, não aprendeu a pensar mais do que o indispensável. Ajudei muitas vezes este meu avô Jerónimo nas suas andanças de pastor, cavei muitas vezes a terra do quintal anexo à casa e cortei lenha para o lume, muitas vezes, dando voltas e voltas à grande roda de ferro que accionava a bomba, fiz subir a água do poço comunitário e a transportei ao ombro, muitas vezes, às escondidas dos guardas das searas, fui com a minha avó, também pela madrugada, munidos de ancinho, panal e corda, a recolher nos restolhos a palha solta que depois haveria de servir para a cama do gado. E algumas

*Discorso pronunciato il 7 dicembre 1998
all'Accademia di Svezia*

Di come il personaggio fu maestro e l'autore suo apprendista

L'uomo più saggio che ho conosciuto in tutta la mia vita non sapeva leggere né scrivere. Alle quattro del mattino, quando la promessa di un nuovo giorno stava ancora in terra di Francia, si alzava dal pagliericcio e usciva verso i campi, portando al pascolo la mezza dozzina di scrofe della cui fertilità si alimentavano lui e la moglie. Di questa scarsità vivevano i miei nonni materni, del piccolo allevamento di maiali che, dopo lo svezzamento, erano venduti ai vicini del paese. Il suo nome è Azinhaga, nella provincia del Ribatejo. Questi nonni si chiamavano Jerónimo Melrinho e Josefa Caixinha, e l'uno e l'altro erano analfabeti. In inverno, quando il freddo della notte pungeva a tal punto che l'acqua delle brocche gelava dentro casa, andavano a prendere nei porcili i lattonzoli più deboli e li portavano nel loro letto. Sotto le coperte grossolane, il calore umano riparava i piccoli animali dal congelamento e li salvava da una morte certa. Benché fossero persone di buon carattere non era per animo compassionevole che i due vecchi agivano così: quello che li preoccupava, senza sentimentalismo né retorica, era proteggere il loro mezzo di sostentamento con la stessa naturalezza di chi, per mantenersi in vita, non ha imparato a pensare più del necessario. Ho aiutato molte volte questo mio nonno Jerónimo nella sua vita di pastore; molte volte ho vangato la terra dell'orto annesso alla casa e tagliato la legna per il fuoco; molte volte, facendo girare e rigirare la grande ruota di ferro che azionava la pompa, ho fatto salire l'acqua dal pozzo comunitario e l'ho trasportata a spalla; molte volte, di nascosto dai guardiani delle messi, sono andato con mia nonna, sempre all'alba, muniti di rastrello, panno e corda, a raccogliere tra le stoppie la paglia sciolta che poi sarebbe servita da giaciglio per il bestiame. E

vezes, em noites quentes de Verão, depois da ceia, meu avô me disse: «José, hoje vamos dormir os dois debaixo da figueira.» Havia outras duas figueiras, mas aquela, certamente por ser a maior, por ser a mais antiga, por ser a de sempre, era, para todas as pessoas da casa, a figueira. Mais ou menos por antonomásia, palavra erudita que só muitos anos depois viria a conhecer e a saber o que significava... No meio da paz nocturna, entre os ramos altos da árvore, uma estrela aparecia-me, e depois, lentamente, escondia-se por trás de uma folha, e, olhando eu noutra direcção, tal como um rio correndo em silêncio pelo céu côncavo, surgia a claridade opalescente da Via Láctea, o Caminho de Santiago, como ainda lhe chamávamos na aldeia. Enquanto o sono não chegava, a noite povoava-se com as histórias e os casos que o meu avô ia contando: lendas, aparições, assombros, episódios singulares, mortes antigas, zaragatas de pau e pedra, palavras de antepassados, um incansável rumor de memórias que me mantinha desperto, ao mesmo tempo que suavemente me acalentava. Nunca pude saber se ele se calava quando se apercebia de que eu tinha adormecido, ou se continuava a falar para não deixar em meio a resposta à pergunta que invariavelmente lhe fazia nas pausas mais demoradas que ele calculadamente metia no relato: «E depois?» Talvez repetisse as histórias para si próprio, quer fosse para não as esquecer quer fosse para as enriquecer com peripécias novas. Naquela idade minha e naquele tempo de nós todos, nem será preciso dizer que eu imaginava que o meu avô Jerónimo era senhor de toda a ciência do mundo. Quando, à primeira luz da manhã, o canto dos pássaros me despertava, ele já não estava ali, tinha saído para o campo com os seus animais, deixando-me a dormir. Então levantava-me, dobrava a manta e, descalço (na aldeia andei sempre descalço até aos 14 anos), ainda com palhas agarradas ao cabelo, passava da parte cultivada do quintal para a outra onde se encontravam as pocilgas, ao lado da casa. Minha avó, já a pé antes do meu avô, punha-me na frente uma grande tigela de café com pedaços de pão e perguntava-me se tinha dormido bem. Se eu lhe contava algum mau sonho nascido das histórias do avô, ela sempre me tranquilizava: «Não faças caso, em sonhos não há firmeza.» Pensava então que a minha avó, embora fosse também uma mulher

qualche volta, nelle notti calde dell'estate, dopo cena, mio nonno mi diceva «José, oggi andiamo a dormire tutti e due sotto il fico». C'erano altri due fichi, ma quello certamente perché era il più grande, perché era il più antico, perché era quello di sempre, era, per tutte le persone di casa, il fico. Più o meno per antonomasia, parola erudita che solo molti anni dopo sarei venuto a conoscere e a sapere quel che significa... Nel mezzo della pace notturna, tra i rami alti dell'albero, una stella mi appariva, e poi, lentamente, si nascondeva dietro a una foglia e, mentre guardavo nell'altra direzione, come un fiume che scorre in silenzio per il cielo concavo, sorgeva la chiarezza opalescente della Via Lattea, il Cammino di Santiago, come allora la chiamavamo in paese. Fino a quando il sonno non arrivava, la notte si popolava di storie e di casi che mio nonno andava raccontando: leggende, apparizioni, prodigi, episodi singolari, morti antiche, zuffe furibonde, parole di antenati, un instancabile rumore di memorie che mi teneva sveglio e nel contempo soavemente mi cullava. Non ho mai saputo se lui taceva quando si rendeva conto che io mi ero addormentato, o se continuava a parlare per non lasciare a metà la risposta alla domanda che immancabilmente gli facevo nelle pause più lunghe, che lui volontariamente metteva nel racconto: «E dopo?» Forse ripeteva le storie per se stesso, sia per non dimenticarle, sia per arricchirle con peripezie nuove. A quella mia età e in quel tempo di noi tutti, è inutile dire che io immaginavo mio nonno Jerónimo essere il padrone di tutta la scienza del mondo. Quando, alla prima luce del mattino, il canto dei passeri mi svegliava, lui non era già più lì, era andato nei campi con i suoi animali, lasciandomi dormire. Allora mi alzavo, ripiegavo la coperta e, scalzo (in paese sono sempre andato scalzo fino ai 14 anni), ancora con la paglia tra i capelli, passavo dalla parte coltivata dell'orto all'altra dove si trovavano i porcili, a lato della casa. Mia nonna, già in piedi prima di mio nonno, mi metteva davanti una grande scodella di caffè con pezzi di pane e mi chiedeva se avevo dormito bene. Se io le raccontavo qualche brutto sogno, nato dalle storie del nonno, lei sempre mi tranquillizzava: «Non farci caso, nei sogni non c'è fermezza». Pensavo allora che mia nonna, sebbene fosse anche lei

muito sábia, não alcançava as alturas do meu avô, esse que, deitado debaixo da figueira, tendo ao lado o neto José, era capaz de pôr o universo em movimento apenas com duas palavras. Foi só muitos anos depois, quando o meu avô já se tinha ido deste mundo e eu era um homem feito, que vim a compreender que a avó, afinal, também acreditava em sonhos. Outra coisa não poderia significar que, estando ela sentada, uma noite, à porta da sua pobre casa, onde então vivia sozinha, a olhar as estrelas maiores e menores por cima da sua cabeça, tivesse dito estas palavras: «O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer.» Não disse medo de morrer, disse pena de morrer, como se a vida de pesado e contínuo trabalho que tinha sido a sua estivesse, naquele momento quase final, a receber a graça de uma suprema e derradeira despedida, a consolação da beleza revelada. Estava sentada à porta de uma casa como não creio que tenha havido alguma outra no mundo porque nela viveu gente capaz de dormir com porcos como se fossem os seus próprios filhos, gente que tinha pena de ir-se da vida só porque o mundo era bonito, gente, e este foi o meu avô Jerónimo, pastor e contador de histórias, que, ao pressentir que a morte o vinha buscar, foi despedir-se das árvores do seu quintal, uma por uma, abraçando-se a elas e chorando porque sabia que não as tornaria a ver.

Muitos anos depois, escrevendo pela primeira vez sobre este meu avô Jerónimo e esta minha avó Josefa (faltou-me dizer que ela tinha sido, no dizer de quantos a conheceram quando rapariga, de uma formosura invulgar), tive consciência de que estava a transformar as pessoas comuns que eles haviam sido em personagens literárias e que essa era, provavelmente, a maneira de não os esquecer, desenhando e tornando a desenhar os seus rostos com o lápis sempre cambiante da recordação, colorindo e iluminando a monotonia de um quotidiano baço e sem horizontes, como quem vai recriando, por cima do instável mapa da memória, a irrealidade sobrenatural do país em que decidiu passar a viver. A mesma atitude de espírito que, depois de haver evocado a fascinante e enigmática figura de um certo bisavô berbere, me levaria a descrever mais ou menos nestes termos um velho retrato (hoje já com quase oitenta anos) onde os meus pais aparecem: «Estão os

una donna molto saggia, non raggiungeva l'altezza di mio nonno, colui che, disteso sotto il fico accanto al nipote José, era capace di porre l'universo in movimento appena con due parole. È stato solo molti anni dopo, quando mio nonno se n'era già andato da questo mondo e io ero un uomo fatto, che compresi che anche mia nonna, alla fine, credeva nei sogni. Altro non potrebbe significare che, una notte mentre sedeva sulla porta della sua povera casa, dove allora viveva da sola, a guardare le stelle maggiori e minori in cima alla sua testa, abbia detto queste parole: «Il mondo è così bello, e io ho tanta pena di morire». Non disse timore di morire, disse pena di morire, come se la vita di continuo e pesante lavoro, quale è stata la sua, stesse in quel momento quasi finale per ricevere la grazia di un supremo e ultimo congedo, la consolazione della bellezza rivelata. Stava seduta sulla porta di una casa come non credo ce ne fosse un'altra al mondo, perché in essa è vissuta gente capace di dormire con i maiali come fossero i loro figli; gente che provava pena di andarsene dalla vita solo perché il mondo era bello; gente, e questo è stato mio nonno Jerónimo, pastore e narratore di storie, che al presentire che la morte lo stava venendo a prendere, è andato a congedarsi dagli alberi del suo podere, uno a uno, abbracciandoli e piangendo perché sapeva che non li avrebbe più rivisti.

Molti anni dopo, nello scrivere per la prima volta su questo mio nonno Jerónimo e questa mia nonna Josefa (non ho detto che lei era stata, secondo quanti l'avevano conosciuta da ragazza, di una bellezza non volgare), ho avuto la consapevolezza che stavo trasformando le persone comuni che erano state in personaggi letterari e che quello era, probabilmente, il modo per non dimenticarli, disegnano e ridisegnano i loro volti con la matita, sfumando il ricordo, colorando e illuminando la monotonia di un quotidiano spento e senza orizzonti, come chi va ricreando, in cima all'instabile mappa della memoria, l'irrealtà soprannaturale del paese in cui ha deciso di vivere. La stessa attitudine di spirito che, dopo aver evocato l'affascinante ed enigmatica figura di un certo bisnonno berbero, mi avrebbe portato a descrivere più o meno in questi termini un vecchio ritratto (oggi già di quasi ottant'anni) dove i miei genitori compaiono: «I due stanno in piedi, belli e

dois de pé, belos e jovens, de frente para o fotógrafo, mostrando no rosto uma expressão de solene gravidade que é talvez temor diante da câmara, no instante em que a objectiva vai fixar, de um e do outro, a imagem que nunca mais tornarão a ter, porque o dia seguinte será implacavelmente outro dia... Minha mãe apoia o cotovelo direito numa alta coluna e segura na mão esquerda, caída ao longo do corpo, uma flor. Meu pai passa o braço por trás das costas de minha mãe e a sua mão calosa aparece sobre o ombro dela como uma asa. Ambos pisam acanhados um tapete de ramagens. A tela que serve de fundo postigo ao retrato mostra umas difusas e incongruentes arquitecturas neoclássicas.» E terminava: «Um dia tinha de chegar em que contaria estas coisas. Nada disto tem importância, a não ser para mim. Um avô berbere, vindo do Norte de África, um outro avô pastor de porcos, uma avó maravilhosamente bela, uns pais graves e formosos, uma flor num retrato — que outra genealogia pode importar-me? a que melhor árvore me encostaria?»

Escrevi estas palavras há quase trinta anos, sem outra intenção que não fosse reconstituir e registar instantes da vida das pessoas que me geraram e que mais perto de mim estiveram, pensando que nada mais precisaria de explicar para que se soubesse de onde venho e de que materiais se fez a pessoa que comecei por ser e esta em que pouco a pouco me vim tornando. Afinal, estava enganado, a biologia não determina tudo, e, quanto à genética, muito misteriosos deverão ter sido os seus caminhos para terem dado uma volta tão larga... À minha árvore genealógica (perdoe-se-me a presunção de a designar assim, sendo tão minguada a substância da sua seiva) não faltavam apenas alguns daqueles ramos que o tempo e os sucessivos encontros da vida vão fazendo romper do tronco central, também lhe faltava quem ajudasse as suas raízes a penetrar até às camadas subterrâneas mais fundas, quem apurasse a consistência e o sabor dos seus frutos, quem ampliasse e robustecesse a sua copa para fazer dela abrigo de aves migrantes e amparo de ninhos. Ao pintar os meus pais e os meus avós com tintas de literatura, transformando-os, de simples pessoas de carne e osso que haviam sido, em personagens novamente e de outro modo construtoras da minha vida, estava, sem o perceber, a

giovani, davanti al fotografo, mostrando in volto un'espressione di solenne gravità che è forse di timore per la macchina fotografica, nell'istante in cui l'obiettivo fisserà, dell'uno e dell'altro, l'immagine che mai più torneranno ad avere, perché il giorno seguente sarà inesorabilmente un altro giorno... Mia madre appoggia il gomito destro su un'alta colonna e tiene nella mano sinistra, che cade lungo il corpo, un fiore. Mio padre passa il braccio dietro alle spalle di mia madre e la sua mano callosa appare sulla spalla di lei come un'ala. Entrambi pestano intimiditi un tappeto arabescato. La tela che serve di sfondo posticcio al ritratto mostra diffuse e incongruenti architetture neoclassiche». E terminavo: «Doveva pur arrivare un giorno in cui io avrei raccontato queste cose. Nulla di questo ha importanza, se non per me. Un nonno berbero, venuto dal Nordafrica, un altro nonno pastore di maiali, una nonna di una bellezza straordinaria, dei genitori seri e belli, un fiore in un ritratto – di quale altra genealogia mi può importare? a quale albero migliore potrei appartenere?»

Ho scritto queste parole quasi trent'anni fa, senza altra intenzione se non quella di ricostruire e registrare istanti della vita delle persone che mi hanno generato e che di più mi sono state vicine, pensando che nulla sarebbe stato necessario spiegare perché si sapesse da dove vengo e con quali materiali si è fatta la persona che ho cominciato a essere e questa che a poco a poco sono diventato. Alla fine, mi stavo sbagliando, la biologia non determina tutto, e, quanto alla genetica, molto misteriosi dovevano essere stati i suoi cammini per aver fatto un giro così largo... Al mio albero genealogico (mi si perdoni la presunzione nel designarlo così, essendo tanto scarsa la sostanza della sua linfa) non mancavano solo alcuni di quei rami che il tempo e i successivi incontri della vita recidono dal tronco centrale, gli mancava anche chi aiutasse le sue radici a penetrare fino agli strati sotterranei più profondi, chi ampliasse e irrobustisse la sua cima per fare di esso un rifugio per uccelli migratori e un riparo per nidi. Nel dipingere i miei genitori e i miei nonni con i colori della letteratura, trasformandoli da semplici persone in carne e ossa quali erano state, in personaggi nuovamente e in altro modo costruttori della mia vita, stavo, senza percepirlo, tracciando il cammino attraverso il quale i personaggi

traçar o caminho por onde as personagens que viesse a inventar, as outras, as efectivamente literárias, iriam fabricar e trazer-me os materiais e as ferramentas que, finalmente, no bom e no menos bom, no bastante e no insuficiente, no ganho e no perdido, naquilo que é defeito mas também naquilo que é excesso, acabariam por fazer de mim a pessoa em que hoje me reconheço: criador dessas personagens, mas, ao mesmo tempo, criatura delas. Em certo sentido poder-se-á mesmo dizer que, letra a letra, palavra a palavra, página a página, livro a livro, tenho vindo, sucessivamente, a implantar no homem que fui as personagens que criei. Creio que, sem elas, não seria a pessoa que hoje sou, sem elas talvez a minha vida não tivesse logrado ser mais do que um esboço impreciso, uma promessa como tantas outras que de promessa não conseguiram passar, a existência de alguém que talvez pudesse ter sido e afinal não tinha chegado a ser.

Agora sou capaz de ver com clareza quem foram os meus mestres de vida, os que mais intensamente me ensinaram o duro ofício de viver, essas dezenas de personagens de romance e de teatro que neste momento vejo desfilar diante dos meus olhos, esses homens e essas mulheres feitos de papel e de tinta, essa gente que eu acreditava ir guiando de acordo com as minhas conveniências de narrador e obedecendo à minha vontade de autor, como títeres articulados cujas acções não pudessem ter mais efeito em mim que o peso suportado e a tensão dos fios com que os movia. Desses mestres, o primeiro foi, sem dúvida, um medíocre pintor de retratos que designei simplesmente pela letra H., protagonista de uma história a que creio razoável chamar de dupla iniciação (a dele, mas também, de algum modo, do autor do livro), intitulada *Manual de Pintura e Caligrafia*, que me ensinou a honradez elementar de reconhecer e acatar, sem ressentimento nem frustração, os meus próprios limites: não podendo nem ambicionando aventurar-me para além do meu pequeno terreno de cultivo, restava-me a possibilidade de escavar para o fundo, para baixo, na direcção das raízes. As minhas, mas também as do mundo, se podia permitir-me uma ambição tão desmedida. Não

che avrei inventato, gli altri, quelli veramente letterari, avrebbero fabbricato e mi avrebbero portato i materiali e gli arnesi che, finalmente, nel bene e nel male, nel sufficiente e nell'insufficiente, nel profitto e nella perdita, in quel che è in difetto ma anche in quel che è in eccesso, avrebbero finito per fare di me la persona in cui oggi mi riconosco: creatore di questi personaggi ma, allo stesso tempo, una loro creatura. In un certo senso si può anche dire che lettera dopo lettera, parola dopo parola, pagina dopo pagina, libro dopo libro, sono venuto, successivamente, a impiantare nell'uomo che sono stato i personaggi che ho creato. Credo che senza di loro non sarei la persona che oggi sono, senza di loro forse la mia vita non sarebbe riuscita a essere più di un abbozzo impreciso, una promessa come tante altre, che da promessa non è riuscita ad andare oltre, l'esistenza di qualcuno che forse avrebbe potuto essere ma che alla fine non è riuscito a essere.

Ora sono in grado di vedere con chiarezza chi sono stati i miei maestri di vita, quelli che più intensamente mi hanno insegnato il duro mestiere di vivere, quella decina di personaggi di romanzo e di teatro che in questo momento vedo sfilare dinanzi ai miei occhi, quegli uomini e quelle donne fatte di carta e di inchiostro, quella gente che io credevo di guidare in accordo alle mie convenienze di narratore e obbedendo alla mia volontà di autore, come marionette articolate le cui azioni non potevano avere altro effetto in me se non il peso supportato e la tensione dei fili con i quali le muovevo. Di quei maestri, il primo è stato, senza dubbio, un mediocre pittore di ritratti che ho designato semplicemente con la lettera H., protagonista di una storia che credo ragionevole chiamare di doppia iniziazione (quella di lui, ma anche, in qualche modo, dell'autore del libro), intitolata *Manual de Pintura e Caligrafia* [trad. it. *Manuale di pittura e calligrafia*], che mi ha insegnato l'onestà elementare di riconoscere e rispettare, senza risentimento e neppure frustrazione, i miei limiti: non potendo e non avendo l'ambizione di avventurarmi oltre il mio piccolo terreno coltivato, mi restava la possibilità di scavare verso il fondo, verso il basso, nella direzione delle radici. Le mie, ma anche quelle del mondo, se mi potevo permettere un'ambizione tanto smisurata. Non compete a me, è

me compete a mim, claro está, avaliar o mérito do resultado dos esforços feitos, mas creio ser hoje patente que todo o meu trabalho, de aí para diante, obedeceu a esse propósito e a esse princípio.

Vieram depois os homens e as mulheres do Alentejo, aquela mesma irmandade de condenados da terra a que pertenceram o meu avô Jerónimo e a minha avó Josefa, camponeses rudes obrigados a alugar a força dos braços a troco de um salário e de condições de trabalho que só mereceriam o nome de infames, cobrando por menos que nada a vida a que os seres cultos e civilizados que nos prezamos de ser apreciamos chamar, segundo as ocasiões, preciosa, sagrada ou sublime. Gente popular que conheci, enganada por uma Igreja tão cúmplice como beneficiária do poder do Estado e dos terra-tenentes latifundistas, gente permanentemente vigiada pela polícia, gente, quantas e quantas vezes, vítima inocente das arbitrariedades de uma justiça falsa. Três gerações de uma família de camponeses, os Mau-Tempo, desde o começo do século até à Revolução de Abril de 1974 que derrubou a ditadura, passam nesse romance a que dei o título de *Levantado do Chão*, e foi com tais homens e mulheres do chão levantados, pessoas reais primeiro, figuras de ficção depois, que aprendi a ser paciente, a confiar e a entregar-me ao tempo, a esse tempo que simultaneamente nos vai construindo e destruindo para de novo nos construir e outra vez nos destruir. Só não tenho a certeza de haver assimilado de maneira satisfatória aquilo que a dureza das experiências tornou virtude nessas mulheres e nesses homens: uma atitude naturalmente estoica perante a vida. Tendo em conta, porém, que a lição recebida, passados mais de vinte anos, ainda permanece intacta na minha memória, que todos os dias a sinto presente no meu espírito como uma insistente convocatória, não perdi, até agora, a esperança de me vir a tornar um pouco mais merecedor da grandeza dos exemplos de dignidade que me foram propostos na imensidão das planícies do Alentejo. O tempo o dirá.

Que outras lições poderia eu receber de um português que viveu no século XVI, que compôs as Rimas e as glórias, os naufrágios e os desencantos pátrios de *Os Lusíadas*, que foi um génio poético absoluto, o maior da nossa Literatura, por muito que isso

chiaro, valutare il merito del risultato degli sforzi compiuti, ma oggi credo sia evidente che tutto il mio lavoro, da lì in avanti, ha obbedito a quel proposito e a quel principio.

Poi, sono venuti gli uomini e le donne dell'Alentejo, quella stessa fratellanza di condannati della terra, ai quali appartenevano mio nonno Jerônimo e mia nonna Josefa, contadini rozzi obbligati ad affittare la forza delle braccia in cambio di un salario e di condizioni di lavoro che solo meritavano il nome di infami, riscuotendo per meno di niente la vita, quella che gli esseri colti e civilizzati che noi ci vantiamo di essere chiamiamo secondo le occasioni, preziosa, sacra o sublime. Gente del popolo che ho conosciuto, ingannata da una Chiesa tanto complice quanto beneficiaria del potere dello Stato e dei latifondisti; gente permanentemente sorvegliata dalla polizia; gente, quante e quante volte, vittima innocente dell'arbitrarietà di una giustizia falsa. Tre generazioni di una famiglia di contadini, i Mau-Tempo, dall'inizio del secolo alla Rivoluzione dell'aprile del 1974 che rovesciò la dittatura, sono entrati in questo romanzo al quale ho dato il titolo di *Levantado do chão* [Sollevato dal suolo, ma in italiano *Una terra chiamata Alentejo*], ed è stato con tali uomini e donne dal suolo sollevatisi, prima persone reali poi figure di finzione, che ho appreso a essere paziente, a confidare e a consegnarmi al tempo, a quel tempo che simultaneamente ci va costruendo e distruggendo per poi nuovamente costruirci e un'altra volta distruggerci. Solo non ho la certezza di aver assimilato in modo soddisfacente quello che la durezza delle esperienze è divenuta virtù in quelle donne e in quegli uomini: un'attitudine naturalmente stoica dinanzi alla vita. Considerando però che la lezione ricevuta, trascorsi più di vent'anni, rimane ancora intatta nella mia memoria, che tutti i giorni la sento presente nel mio spirito come una convocazione insistente, non ho perduto, fino a ora, la speranza di meritarmi un po' di più della grandezza degli esempi di dignità che mi si sono presentati nell'immensità delle pianure dell'Alentejo. Il tempo lo dirà.

Che altre lezioni avrei potuto ricevere da un portoghese che ha vissuto nel secolo XVI, che ha composto le Rime e le glorie, i naufragi e i disincanti patri de *Os Lusíadas* [trad. it. *I Lusíadi*], che è stato un genio poetico assoluto, il maggiore della nostra

pese a Fernando Pessoa, que a si mesmo se proclamou como o Super-Camões dela? Nenhuma lição que estivesse à minha medida, nenhuma lição que eu fosse capaz de aprender, salvo a mais simples que me poderia ser oferecida pelo homem Luís Vaz de Camões na sua estreme humanidade, por exemplo, a humildade orgulhosa de um autor que vai chamando a todas as portas à procura de quem esteja disposto a publicar-lhe o livro que escreveu, sofrendo por isso o desprezo dos ignorantes de sangue e de casta, a indiferença desdenhosa de um rei e da sua companhia de poderosos, o escárnio com que desde sempre o mundo tem recebido a visita dos poetas, dos visionários e dos loucos. Ao menos uma vez na vida, todos os autores tiveram ou terão de ser Luís de Camões, mesmo se não escreveram as redondilhas de «Sôbolos rios...» Entre fidalgos da corte e censores do Santo Ofício, entre os amores de antanho e as decepções da velhice prematura, entre a dor de escrever e a alegria de ter escrito, foi a este homem doente que regressa pobre da Índia, aonde muitos só iam para enriquecer, foi a este soldado cego de um olho e golpeado na alma, foi a este sedutor sem fortuna que não voltará nunca mais a perturbar os sentidos das damas do paço, que eu pus a viver no palco da peça de teatro chamada *Que Farei com Este Livro?*, em cujo final ecoa uma outra pergunta, aquela que importa verdadeiramente, aquela que nunca saberemos se alguma vez chegará a ter resposta suficiente: «Que fareis com este livro?» Humildade orgulhosa, foi essa de levar debaixo do braço uma obra-prima e ver-se injustamente enjeitado pelo mundo. Humildade orgulhosa também, e obstinada, esta de querer saber para que irão servir amanhã os livros que andamos a escrever hoje, e logo duvidar que consigam perdurar longamente (até quando?) as razões tranquilizadoras que acaso nos estejam a ser dadas ou que estejamos a dar a nós próprios. Ninguém melhor se engana que quando consente que o enganem os outros...

Aproximam-se agora um homem que deixou a mão esquerda na guerra e uma mulher que veio ao mundo com o misterioso poder de ver o que há por trás da pele das pessoas. Ele chama-se Baltasar Mateus e tem a alcunha de Sete-Sóis, a ela conhecem-na pelo nome de Blimunda, e também pelo apodo de Sete-Luas que

Letteratura, per molto che questo pesi a Fernando Pessoa, che si è proclamato il Super-Camões della Letteratura? Nessuna lezione che fosse alla mia portata, nessuna lezione che io fossi in grado di apprendere, se non la più semplice che mi poteva essere offerta dall'uomo Luís Vaz de Camões nella sua estrema umanità, per esempio, l'umiltà orgogliosa di un autore che ha bussato a tutte le porte alla ricerca di qualcuno che fosse disposto a pubblicargli il libro che aveva scritto, soffrendo per questo il disprezzo degli ignoranti di sangue e di casta, l'indifferenza disprezzante di un re e della sua compagnia di potenti, lo scherno con cui da sempre il mondo ha accolto la visita dei poeti, dei visionari e dei pazzi. Almeno una volta nella vita, tutti gli autori sono stati o saranno Luís de Camões, anche se non hanno scritto i versi [redondilhas] di «Sôbolos rios...» Tra i nobili della corte e i censori del Santo Uffizio, tra gli amori dei tempi passati e le disillusioni di una vecchiaia prematura, tra il dolore di scrivere e l'allegria di avere scritto, è stato a quest'uomo ammalato che ritorna povero dall'India, dove molti andavano solo per arricchirsi; è stato a questo soldato cieco a un occhio e colpito all'anima; è stato a questo seduttore senza fortuna che non ritornerà mai più a perturbare i sensi delle dame del palazzo, che io ho fatto vivere sul palcoscenico di un'opera teatrale dal titolo *Que farei com este livro?* [trad. it. *Che farò con questo libro?*], nella cui fine echeggia un'altra domanda, quella che realmente importa, quella che mai sapremo se almeno una volta riuscirà ad avere una risposta sufficiente: «Che farò con questo libro?». Umiltà orgogliosa è stata quella di portare sotto il braccio un'opera prima e vedersi ingiustamente rifiutato dal mondo. Umiltà orgogliosa e ostinata, questa di voler sapere a cosa domani serviranno i libri che oggi scriviamo, e subito dubitare che riescano a durare lungamente (fino a quando?) le ragioni rassicuranti che ci vengono date o che diamo a noi stessi. Nessuno riesce a ingannarsi meglio di quando acconsente agli altri di ingannarlo...

Si avvicinano ora un uomo che ha lasciato la mano sinistra in guerra e una donna che è venuta al mondo con il misterioso potere di vedere quello che c'è dietro la pelle delle persone. Lui si chiama Baltasar Mateus e ha come soprannome Sette-Soli, lei si conosce con il nome di Blimunda e anche con il soprannome di

lhe foi acrescentado depois, porque está escrito que onde haja um sol terá de haver uma lua, e que só a presença conjunta e harmoniosa de um e do outro tornará habitável, pelo amor, a terra. Aproxima-se também um padre jesuíta chamado Bartolomeu que inventou uma máquina capaz de subir ao céu e voar sem outro combustível que não seja a vontade humana, essa que, segundo se vem dizendo, tudo pode, mas que não pôde, ou não soube, ou não quis, até hoje, ser o sol e a lua da simples bondade ou do ainda mais simples respeito. São três loucos portugueses do século XVIII, num tempo e num país onde floresceram as superstições e as fogueiras da Inquisição, onde a vaidade e a megalomania de um rei fizeram erguer um convento, um palácio e uma basílica que haveriam de assombrar o mundo exterior, no caso pouco provável de esse mundo ter olhos bastantes para ver Portugal, tal como sabemos que os tinha Blimunda para ver o que escondido estava... E também se aproxima uma multidão de milhares e milhares de homens com as mãos sujas e calosas, com o corpo exausto de haver levantado, durante anos a fio, pedra a pedra, os muros implacáveis do convento, as salas enormes do palácio, as colunas e as pilastras, as aéreas torres sineiras, a cúpula da basílica suspensa sobre o vazio. Os sons que estamos a ouvir são do cravo de Domenico Scarlatti, que não sabe se deve rir ou chorar... Esta é a história de *Memorial do Convento*, um livro em que o aprendiz de autor, graças ao que lhe vinha sendo ensinado desde o antigo tempo dos seus avós Jerónimo e Josefa, já conseguiu escrever palavras como estas, donde não está ausente alguma poesia: «Além da conversa das mulheres, são os sonhos que seguram o mundo na sua órbita. Mas são também os sonhos que lhe fazem uma coroa de luas, por isso o céu é o resplendor que há dentro da cabeça dos homens, se não é a cabeça dos homens o próprio e único céu.» Que assim seja.

De lições de poesia sabia já alguma coisa o adolescente, aprendidas nos seus livros de texto quando, numa escola de ensino profissional de Lisboa, andava a preparar-se para o ofício que exerceu no começo da sua vida de trabalho: o de serralheiro mecânico. Teve também bons mestres da arte poética nas longas horas nocturnas que passou em bibliotecas públicas, lendo ao acaso de encontros

Sette-Lune che le è stato aggiunto dopo, perché sta scritto che dove c'è un sole ci sarà anche una luna, e che solo la presenza congiunta e armoniosa dell'uno e dell'altra rende abitabile, per amore, la terra. Si avvicina anche un padre gesuita chiamato Bartolomeu, che ha inventato una macchina capace di salire al cielo e volare senza altro combustibile che non sia la volontà umana, quella che, secondo quanto si dice, tutto può, ma che non ha potuto, o non ha saputo, o non ha voluto, fino a oggi, essere il sole e la luna della semplice bontà o dell'ancora più semplice rispetto. Sono tre pazzi portoghesi del secolo XVIII, in un tempo e in un paese dove sono fiorite le superstizioni e i roghi dell'Inquisizione, dove la vanità e la megalomania di un re ha fatto erigere un convento, un palazzo e una basilica che dovevano sorprendere il mondo esterno, nel caso poco probabile che quel mondo possedesse occhi a sufficienza per vedere il Portogallo, come quelli che conosciamo in Blimunda per vedere quello che nascosto rimaneva... E si avvicina anche una moltitudine di migliaia e migliaia di uomini con mani sudice e callose, con il corpo esausto per aver innalzato per anni pietra dopo pietra, i muri implacabili del convento, le sale enormi del palazzo, le colonne e i pilastri, le aeree torri campanarie, la cupola sospesa nel vuoto. I suoni che ascoltiamo sono del clavicembalo di Domenico Scarlatti, che non sa se deve ridere o piangere... Questa è la storia di *Memorial do Convento* [trad. it. *Memoriale del convento*], un libro in cui l'apprendista autore, grazie a quanto gli era stato insegnato fin dai tempi dei suoi nonni Jerónimo e Josefa, è riuscito a scrivere parole come queste, dalle quali nessuna poesia è assente: «Oltre alla conversazione delle donne, sono i sogni che trattengono il mondo nella sua orbita. Ma sono ancora i sogni che gli fanno una corona di lune, per questo il cielo è lo splendore che c'è dentro alla testa degli uomini, a meno che non sia la testa degli uomini il vero e unico cielo». E così sia.

Di poesia sapeva già qualcosa l'adolescente, che l'ha studiata nei suoi libri di testo quando, in una scuola professionale di Lisbona, si stava preparando al mestiere che ha esercitato all'inizio della sua vita lavorativa: quello di fabbro meccanico. Ha avuto anche dei buoni maestri di arte poetica, nelle lunghe ore notturne trascorse nelle biblioteche pubbliche, leggendo secondo il caso dell'incon-

e de catálogos, sem orientação, sem alguém que o aconselhasse, com o mesmo assombro criador do navegante que vai inventando cada lugar que descobre. Mas foi na biblioteca da escola industrial que *O Ano da Morte de Ricardo Reis* começou a ser escrito ... Ali encontrou um dia o jovem aprendiz de serralheiro (teria então 17 anos) uma revista – *Atena* era o título – em que havia poemas assinados com aquele nome e, naturalmente, sendo tão mau conhecedor da cartografia literária do seu país, pensou que existia em Portugal um poeta que se chamava assim: Ricardo Reis. Não tardou muito tempo, porém, a saber que o poeta propriamente dito tinha sido um tal Fernando Nogueira Pessoa que assinava poemas com nomes de poetas inexistentes nascidos na sua cabeça e a que chamava heterónimos, palavra que não constava dos dicionários da época, por isso custou tanto trabalho ao aprendiz de letras saber o que ela significava. Aprendeu de cor muitos poemas de Ricardo Reis («Para ser grande sê inteiro / Põe quanto és no mínimo que fazes»), mas não podia resignar-se, apesar de tão novo e ignorante, a que um espírito superior tivesse podido conceber, sem remorso, este verso cruel: «Sábio é o que se contenta com o espectáculo do mundo.» Muito, muito tempo depois, o aprendiz, já de cabelos brancos e um pouco mais sábio das suas próprias sabedorias, atreveu-se a escrever um romance para mostrar ao poeta das Odes alguma coisa do que era o espectáculo do mundo nesse ano de 1936 em que o tinha posto a viver os seus últimos dias: a ocupação da Renânia pelo exército nazista, a guerra de Franco contra a República espanhola, a criação por Salazar das milícias fascistas portuguesas. Foi como se estivesse a dizer-lhe: «Eis o espectáculo do mundo, meu poeta das amarguras serenas e do cepticismo elegante. Desfruta, goza, contempla, já que estar sentado é a tua sabedoria...»

O Ano da Morte de Ricardo Reis terminava com umas palavras melancólicas: «Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera.» Portanto, não haveria mais descobrimentos para Portugal, apenas como destino uma espera infinita de futuros nem ao menos imagináveis: só o fado do costume, a saudade de sempre, e pouco

tro e dei cataloghi, senza orientamento, senza qualcuno che lo consigliasse, con il medesimo stupore creativo del navigante che va inventando ogni luogo che scopre. Ma è stato nella biblioteca della scuola industriale che *O Ano da Morte de Ricardo Reis* [trad. it. *L'anno della morte di Ricardo Reis*] ha cominciato a essere scritto... Lì, un giorno, il giovane apprendista fabbro meccanico (aveva allora 17 anni) ha incontrato una rivista – *Atena*, era il titolo – in cui c'erano poesie firmate con quel nome e, naturalmente, essendo un pessimo conoscitore della cartografia letteraria del suo paese, ha pensato che in Portogallo esistesse un poeta che si chiamasse così: Ricardo Reis. Non trascorse molto tempo quando venne a sapere che il poeta propriamente detto era un tale Fernando Nogueira Pessoa che firmava poesie con nomi di poeti inesistenti nati nella sua testa e che chiamava eteronimi, parola che non entrava nei dizionari dell'epoca, per questo all'apprendista di lettere è costato molto lavoro conoscerne il significato. Ha imparato a memoria molte poesie di Ricardo Reis («Per essere grande sii intero / Poni quanto è nel minimo che fai»), ma non poteva rassegnarsi, per quanto giovane e ignorante, che uno spirito superiore avesse potuto concepire, senza rimorso, questo verso crudele: «Saggio è chi si accontenta dello spettacolo del mondo». Molto, molto tempo dopo, l'apprendista, già con i capelli bianchi e un po' più consapevole del suo stesso sapere, osò scrivere un romanzo per mostrare al poeta delle Odes [Odi] qualche cosa di quello che era lo spettacolo del mondo in quell'anno del 1936 in cui gli aveva fatto vivere i suoi ultimi giorni: l'occupazione della Renania, da parte dell'esercito nazista, la guerra di Franco contro la Repubblica spagnola, la creazione da parte di Salazar delle milizie fasciste portoghesi. È stato come se gli avesse detto: «Ecco lo spettacolo del mondo, mio poeta delle amarezze serene e dello scetticismo elegante. Sfrutta, godi, contempla, giacché è nello stare seduto la tua saggezza...».

O Ano da Morte de Ricardo Reis terminava con alcune parole melanconiche: «Qui, dove il mare è finito e la terra aspetta». Pertanto, non ci sarebbero state più scoperte per il Portogallo, solo come destino un'attesa infinita di futuri neppure minimamente immaginabili: solo il fado del costume, la saudade di sempre e

mais... Foi então que o aprendiz imaginou que talvez houvesse ainda uma maneira de tornar a lançar os barcos à água, por exemplo, mover a própria terra e pô-la a navegar pelo mar fora. Fruto imediato do ressentimento colectivo português pelos desdêns históricos da Europa (mais exacto seria dizer fruto de um meu ressentimento pessoal...), o romance que então escrevi — *A Jangada de Pedra* — separou do continente europeu toda a Península Ibérica para a transformar numa grande ilha flutuante, movendo-se sem remos, nem velas, nem hélices em direcção ao Sul do mundo, «massa de pedra e terra, coberta de cidades, aldeias, rios, bosques, fábricas, matos bravios, campos cultivados, com a sua gente e os seus animais», a caminho de uma utopia nova: o encontro cultural dos povos peninsulares com os povos do outro lado do Atlântico, desafiando assim, a tanto a minha estratégia se atreveu, o domínio sufocante que os Estados Unidos da América do Norte vêm exercendo naquelas paragens... Uma visão duas vezes utópica entenderia esta ficção política como uma metáfora muito mais generosa e humana: que a Europa, toda ela, deverá deslocar-se para o Sul, a fim de, em desconto dos seus abusos colonialistas antigos e modernos, ajudar a equilibrar o mundo. Isto é, Europa finalmente como ética. As personagens da *Jangada de Pedra* — duas mulheres, três homens e um cão — viajam incansavelmente através da península enquanto ela vai sulcando o oceano. O mundo está a mudar e eles sabem que devem procurar em si mesmos as pessoas novas em que irão tornar-se (sem esquecer o cão, que não é um cão como os outros...). Isso lhes basta.

Lembrou-se então o aprendiz de que em tempos da sua vida havia feito algumas revisões de provas de livros e que se na *Jangada de Pedra* tinha, por assim dizer, revisado o futuro, não estaria mal que revisasse agora o passado, inventando um romance que se chamaria *História do Cerco de Lisboa*, no qual um revisor, revendo um livro do mesmo título, mas de *História*, e cansado de ver como a dita *História* cada vez é menos capaz de surpreender, decide pôr no lugar de um «sim» um «não», subvertendo a autoridade das «verdades históricas». Raimundo Silva, assim se chama o revisor, é um homem simples, vulgar, que só se distingue da maioria por

poco più. Fu allora che l'apprendista immaginò che forse c'era ancora un modo per tornare a mettere le navi in acqua, per esempio, muovere la terra stessa e porla a navigare in mare aperto. Frutto immediato del risentimento collettivo portoghese per lo sdegno storico dell'Europa (sarebbe più esatto dire frutto di un mio risentimento personale...), il romanzo che allora scrissi — *A Jangada de Pedra* [trad. it. *La zattera di pietra*] — ha separato dal continente europeo tutta la Penisola Iberica per trasformarla in una grande isola fluttuante, che si muoveva senza remi, né vele, né eliche, verso il Sud del mondo, «massa di pietra e terra, coperta di città, paesi, fiumi, boschi, fabbriche, boscaglia selvaggia, campi coltivati, con la sua gente e i suoi animali», verso un'utopia nuova: l'incontro culturale dei popoli peninsulari con i popoli dell'altro lato dell'Atlantico, sfidando così, a tanto la mia strategia si è spinta, il dominio soffocante che gli Stati Uniti dell'America del Nord esercita in quei posti... Una visione due volte utopica intenderebbe questa narrativa politica come una metafora molto più generosa e umana: che l'Europa tutta dovrebbe dislocarsi verso Sud al fine di, e a sconto dei propri abusi coloniali antichi e moderni, aiutare a equilibrare il mondo. E cioè, l'Europa finalmente come etica. I personaggi della *Jangada de Pedra* — due donne, tre uomini e un cane — viaggiano instancabilmente attraverso la penisola mentre essa solca l'oceano. Il mondo sta mutando e essi sanno che devono cercare in se stessi le persone nuove che saranno (senza dimenticare il cane, che non è un cane come gli altri...). Questo a loro basta.

Allora l'apprendista si è ricordato che in alcuni momenti della sua vita aveva fatto alcune revisioni di bozze di libri e che se nella *Jangada de Pedra* aveva, per così dire, revisionato il futuro, non sarebbe stato male se ora avesse revisionato il passato, inventando un romanzo che si sarebbe chiamato *História do Cerco de Lisboa* [trad. it. *Storia dell'assedio di Lisbona*], in cui un revisore, rivedendo un libro dallo stesso titolo, ma di Storia, e stanco di vedere come la cosiddetta Storia ogni volta è meno capace di sorprendere, decide di mettere al posto di un «sì» un «no», sovvertendo l'autorità delle «verità storiche». Raimundo Silva, così si chiama il revisore, è un uomo semplice, volgare, che solo si distingue dalla maggioranza

acreditar que todas as coisas têm o seu lado visível e o seu lado invisível e que não saberemos nada delas enquanto não lhes tivermos dado a volta completa. Disso precisamente se trata numa conversa que ele tem com o historiador.

Assim: «Recordo-lhe que os revisores já viram muito de literatura e vida, O meu livro, recordo-lho eu, é de história, Não sendo propósito meu apontar outras contradições, senhor doutor, em minha opinião tudo quanto não for vida è literatura, A história também. A história sobretudo, sem querer ofender, E a pintura, e a música, A música anda a resistir desde que nasceu, ora vai, ora vem, quer livrar-se da palavra, suponho que por inveja, mas regressa sempre à obediência, E a pintura, Ora, a pintura não é mais do que literatura feita com pincéis, Espero que não esteja esquecido de que a humanidade começou a pintar muito antes de saber escrever, Conhece o rifão, se não tens cão caça com o gato, ou, por outras palavras, quem não pode escrever, pinta, ou desenha, é o que fazem as crianças, O que você quer dizer, por outras palavras, é que a literatura já existia antes de ter nascido, Sim senhor, como o homem, por outras palavras, antes de o ser já o era, Quer-me parecer que você errou a vocação, devia era ser historiador, Falta-me o preparo, senhor doutor, que pode um simples homem fazer sem o preparo, muita sorte já foi ter vindo ao mundo com a genética arrumada, mas, por assim dizer, em estado bruto, e depois não mais polimento que primeiras letras que ficaram únicas, Podia apresentar-se como autodidacta, produto do seu próprio e digno esforço, não é vergonha nenhuma, antigamente a sociedade tinha orgulho nos seus autodidactas, Isso acabou, veio o desenvolvimento e acabou, os autodidactas são vistos com maus olhos, só os que escrevem versos e histórias para distrair é que estão autorizados a ser autodidactas, mas eu para a criação literária nunca tive jeito, Então, meta-se a filósofo, O senhor doutor é um humorista, cultiva a ironia, chego a perguntar-me como se dedicou à história, sendo ela tão grave e profunda ciência, Sou irónico apenas na vida real, Bem me queria a mim parecer que a história não é a vida real, literatura, sim, e nada mais, Mas a história foi vida real no tempo em que ainda não se lhe poderia chamar história, Então o senhor doutor acha que a

nel credere che tutte le cose hanno il loro lato visibile e il loro lato invisibile e che non sapremo nulla di loro fino a quando non avremo compiuto attorno a loro un giro completo. Di questo si parla in una conversazione che lui ha con lo storico.

Così: «Le ricordo che i revisori hanno già visto molto di letteratura e vita. Il mio libro, glielo ricordo io, è di storia, Non essendo mia intenzione additare altre contraddizioni, signor dottore, secondo la mia opinione tutto quello che non è vita è letteratura, Anche la storia. La storia soprattutto, senza volere offendere, E la pittura, e la musica. La musica continua a resistere dalla nascita, ora va, ora viene, vuole liberarsi della parola, suppongo per invidia, ma ritorna sempre all'obbedienza, E la pittura, Ora, la pittura non è altro che letteratura fatta con i pennelli, Spero che non si dimentichi che l'umanità ha cominciato a dipingere molto prima di sapere scrivere, Conosce il proverbio, se non hai un cane caccia con un gatto, in altre parole, chi non sa scrivere, dipinge, o disegna, è quello che fanno i bambini, Quello che lei vuole dire, in altre parole, è che la letteratura esisteva già prima che nascesse, Sì signore, come l'uomo, in altre parole, prima di esserlo già lo era, Mi pare che lei abbia sbagliato vocazione, doveva era essere storico, Mi manca la preparazione, signor dottore, che può fare un semplice uomo senza la preparazione, è già stata molta fortuna essere venuto al mondo con la genetica sistemata, ma, per così dire, allo stato bruto, e poi nessuna altra levigazione delle prime lettere che sono rimaste uniche, Poteva presentarsi come autodidatta, prodotto del proprio e degno sforzo, senza alcuna vergogna, anticamente la società si vantava dei suoi autodidatti, Questo è finito, è venuto il progresso ed è finito, gli autodidatti sono visti di cattivo occhio, solo quelli che scrivono versi e storie per distrarre sono autorizzati a essere autodidatti, ma io per la creazione letteraria non ho mai avuto la predisposizione, Allora, faccia il filosofo, Il signor dottore è un umorista, coltiva l'ironia, mi domando come si sia dedicato alla storia, essendo essa una scienza così grave e profonda, Sono ironico solo nella vita reale, Ben vorrei io che la storia non fosse vita reale, letteratura, sì, e niente più, Ma la storia è stata vita reale quando ancora non si poteva chiamare storia, Allora il signor dottore crede che la storia

história e a vida real, Acho, sim, Que a história foi vida real, quero dizer, Não tenho a menor dúvida, Que seria de nós se o deleatur que tudo apaga não existisse, suspirou o revisor.» Escusado será acrescentar que o aprendiz aprendeu com Raimundo Silva a lição da dúvida. Já não era sem tempo.

Ora, foi provavelmente esta aprendizagem da dúvida que o levou, dois anos mais tarde, a escrever *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. É certo, e ele tem-no dito, que as palavras do título lhe surgiram por efeito de uma ilusão de óptica, mas é legítimo interrogar-nos se não teria sido o sereno exemplo do revisor o que, nesse meio-tempo, lhe andou a preparar o terreno de onde haveria de brotar o novo romance. Desta vez não se tratava de olhar por trás das páginas do Novo Testamento à procura de contrários, mas sim de iluminar com uma luz rasante a superfície delas, como se faz a uma pintura, de modo a fazer-lhe ressaltar os relevos, os sinais de passagem, a obscuridade das depressões. Foi assim que o aprendiz, agora rodeado de personagens evangélicas, leu, como se fosse a primeira vez, a descrição da matança dos Inocentes, e, tendo lido, não compreendeu. Não compreendeu que já pudesse haver mártires numa religião que ainda teria de esperar trinta anos para que o seu fundador pronunciasse a primeira palavra dela, não compreendeu que não tivesse salvado a vida das crianças de Belém precisamente a única pessoa que o poderia ter feito, não compreendeu a ausência, em José, de um sentimento mínimo de responsabilidade, de remorso, de culpa, ou sequer de curiosidade, depois de voltar do Egito com a família. Nem se poderá argumentar, em defesa da causa, que foi necessário que as crianças de Belém morressem para que pudesse salvar-se a vida de Jesus: o simples senso comum, que a todas as coisas, tanto às humanas como às divinas, deveria presidir, aí está para nos recordar que Deus não enviaria o seu Filho à terra, de mais a mais com o encargo de redimir os pecados da humanidade, para que ele viesse a morrer aos dois anos de idade degolado por um soldado de Herodes... Nesse Evangelho, escrito pelo aprendiz com o respeito que merecem os grandes dramas, José será consciente da sua culpa, aceitará o remorso em castigo da falta que cometeu e deixar-se-á levar à morte quase sem resistência, como se isso

e la vita reale, Credo, sì, Che la storia sia stata vita reale, voglio dire, Non ho il minimo dubbio, Che ne sarebbe di noi se il deletur che tutto cancella non esistesse, ha sospirato il revisore». È inutile aggiungere che l'apprendista ha imparato con Raimundo Silva la lezione del dubbio. E già era tempo.

Ora, è stato probabilmente questo apprendistato del dubbio che lo ha portato, due anni più tardi, a scrivere *O Evangelo segundo Jesus Cristo* [tra. it. *Il Vangelo secondo Gesù Cristo*]. È certo, ed egli ce l'ha detto, che le parole del titolo gli sono giunte per l'effetto di un'illusione ottica, ma è legittimo interrogarci se non fosse stato il sereno esempio del revisore ciò che, in quel frattempo, gli ha preparato il terreno dal quale sarebbe spuntato il nuovo romanzo. Questa volta non si trattava di guardare dietro le pagine del Nuovo Testamento alla ricerca di contrari, ma sì di illuminare con una luce radente la loro superficie, così come si fa con un dipinto, in modo da fargli risaltare i rilievi, i segni del passaggio, l'oscurità delle depressioni. È stato così che l'apprendista, ora circondato da personaggi evangelici, ha letto, come se fosse stata la prima volta, la descrizione della strage degli Innocenti e, pur avendolo letto, non ha compreso. Non ha compreso che ci potessero essere dei martiri in una religione che ancora avrebbe dovuto attendere trent'anni perché il suo fondatore pronunciasse la sua prima parola; non ha compreso perché non avesse salvato la vita dei bambini di Betlemme proprio l'unica persona che l'avrebbe potuto fare; non ha compreso l'assenza, in Giuseppe, di un sentimento minimo di responsabilità, di rimorso, di colpa, o di curiosità, dopo essere tornato dall'Egitto con la famiglia. Neppure si potrà argomentare, in difesa della causa, che è stato necessario che i bambini di Betlemme morissero perché si potesse salvare la vita di Gesù: il semplice senso comune, che tutte le cose, tanto le umane quanto le divine, dovrebbe presiedere, lì sta per ricordarci che Dio non avrebbe inviato suo Figlio sulla terra, ancor più con l'incarico di redimere i peccati dell'umanità, perché lui morisse all'età di due anni decapitato da un soldato di Erode... In questo Vangelo, scritto dall'apprendista con il rispetto che si deve ai grandi drammi, Giuseppe sarà consapevole della sua colpa, accetterà il rimorso come castigo della mancanza che ha commesso e si lascerà andare alla

lhe faltasse ainda para liquidar as suas contas com o mundo. O Evangelho do aprendiz não é, portanto, mais uma lenda edificante de bem-aventurados e de deuses, mas a história de uns quantos seres humanos sujeitos a um poder contra o qual lutam, mas que não podem vencer. Jesus, que herdará as sandálias com que o pai tinha pisado o pó dos caminhos da terra, também herdará dele o sentimento trágico da responsabilidade e da culpa que nunca mais o abandonará, nem mesmo quando levantar a voz do alto da cruz: «Homens, perdoai-lhe porque ele não sabe o que fez», por certo referindo-se ao Deus que o levava até ali, mas quem sabe se recordando ainda, nessa agonia derradeira, o seu pai autêntico, aquele que, na carne e no sangue, humanamente o gerara. Como se vê, o aprendiz já tinha feito uma larga viagem quando no seu herético Evangelho escreveu as últimas palavras do diálogo no templo entre Jesus e o escriba: «A culpa é um lobo que come o filho depois de ter devorado o pai, disse o escriba, Esse lobo de que falas já comeu o meu pai, disse Jesus, Então só falta que te devore a ti, E tu, na tua vida, foste comido, ou devorado, Não apenas comido e devorado, mas vomitado, respondeu o escriba.»

Se o imperador Carlos Magno não tivesse estabelecido no Norte da Alemanha um mosteiro, se esse mosteiro não tivesse dado origem à cidade de Münster, se Münster não tivesse querido assinalar os mil e duzentos anos da sua fundação com uma ópera sobre a pavorosa guerra que enfrentou no século XVI protestantes anabaptistas e católicos, o aprendiz não teria escrito a peça de teatro a que chamou *In Nomine Dei*. Uma vez mais, sem outro auxílio que a pequena luz da sua razão, o aprendiz teve de penetrar no obscuro labirinto das crenças religiosas, essas que com tanta facilidade levam os seres humanos a matar e a deixar-se matar. E o que viu foi novamente a máscara horrenda da intolerância, uma intolerância que em Münster atingiu o paroxismo demencial, uma intolerância que insultava a própria causa que ambas as partes proclamavam defender. Porque não se tratava de uma guerra em nome de dois deuses inimigos, mas de uma guerra em nome de um mesmo deus. Cegos pelas suas próprias crenças, os anabaptistas e os católicos de Münster não foram capazes de compreender a mais clara de

morte quasi senza resistenza, come se questo gli mancasse ancora per regolare i suoi conti con il mondo. Il Vangelo dell'apprendista non è più, dunque, una leggenda edificante di buoni avventurieri e di dèi, ma la storia degli esseri umani soggetti a un potere contro il quale lottano ma che non possono vincere. Gesù erediterà i sandali con i quali il padre aveva calpestato la polvere dei cammini della terra, e da lui erediterà anche il sentimento tragico della responsabilità e della colpa che mai più lo abbandonerà, neppure quando leverà la voce dall'alto della croce: «Uomini, perdonatelo perché egli non sa quel che ha fatto». Di sicuro si riferiva al Dio che lo aveva portato fino a lì, ma chi sa se ricordando ancora, in questa ultima agonia, suo padre legittimo, colui che nella carne e nel sangue umanamente lo aveva generato. Come si vede, l'apprendista aveva già fatto un lungo viaggio quando nel suo eretico Vangelo ha scritto le ultime parole del dialogo nel tempio tra Gesù e lo scriba: «La colpa è un lupo che mangia il figlio dopo aver divorato il padre, disse lo scriba, Quel lupo di cui parli ha già mangiato mio padre, disse Gesù, Allora manca solo che divori te, E tu, nella tua vita, sei stato mangiato, o divorato, Non solo mangiato e divorato, ma vomitato, ha risposto lo scriba».

Se l'imperatore Carlo Magno non avesse eretto nel Nord della Germania un monastero, se quel monastero non avesse dato origine alla città di Münster, se Münster non avesse voluto commemorare i mille e duecento anni dalla sua fondazione con un'opera sulla spaventosa guerra in cui si affrontarono nel secolo XVI protestanti anabattisti e cattolici, l'apprendista non avrebbe scritto l'opera di teatro che ha intitolato *In Nomine Dei*. Ancora una volta, senza altro ausilio della piccola luce della sua ragione, l'apprendista ha dovuto penetrare l'oscuro labirinto delle credenze religiose, quelle che con tanta facilità portano gli esseri umani a uccidere e a farsi uccidere. E ciò che ha visto è stato nuovamente la maschera orrenda dell'intolleranza, un'intolleranza che a Münster ha raggiunto il parossismo demenziale, un'intolleranza che insultava la causa che entrambe le parti dichiaravano di difendere. Perché non si trattava di una guerra in nome di due dèi nemici, ma di una guerra in nome di uno stesso dio. Ciechi per le loro stesse credenze, gli anabattisti e i cattolici di Münster non

todas as evidências: no dia do Juízo Final, quando uns e outros se apresentarem a receber o prémio ou o castigo que mereceram as suas acções na terra, Deus, se em suas decisões se rege por algo parecido à lógica humana, terá de receber no paraíso tanto a uns como aos outros, pela simples razão de que uns e outros nele crêem. A terrível carnificina de Münster ensinou ao aprendiz que, ao contrário do que prometeram, as religiões nunca serviram para aproximar os homens, e que a mais absurda de todas as guerras é uma guerra religiosa, tendo em consideração que Deus não pode, ainda que o quisesse, declarar guerra a si próprio...

Cegos. O aprendiz pensou: «Estamos cegos», e sentou-se a escrever o *Ensaio sobre a Cegueira* para recordar a quem o viesse a ler que usamos perversamente a razão quando humilhamos a vida, que a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos do nosso mundo, que a mentira universal tomou o lugar das verdades plurais, que o homem deixou de respeitar-se a si mesmo quando perdeu o respeito que devia ao seu semelhante. Depois, o aprendiz, como se tentasse exorcizar os monstros engendrados pela cegueira da razão, pôs-se a escrever a mais simples de todas as histórias: uma pessoa que vai à procura de outra pessoa apenas porque compreendeu que a vida não tem nada mais importante que pedir a um ser humano. O livro chama-se *Todos os Nomes*. Não escritos, todos os nossos nomes estão lá. Os nomes dos vivos e os nomes dos mortos.

Termino. A voz que leu estas páginas quis ser o eco das vozes conjuntas das minhas personagens. Não tenho, a bem dizer, mais voz que a voz que elas tiverem. Perdoai-me se vos pareceu pouco isto que para mim é tudo.

sono stati capaci di comprendere la più chiara delle evidenze: nel giorno del Giudizio Finale, quando gli uni e gli altri si saranno presentati a ricevere il premio o il castigo che avranno meritato le loro azioni in terra, Dio, se nelle sue decisioni si regge su qualcosa di somigliante alla logica umana, dovrà ricevere in paradiso tanto gli uni come gli altri, per la semplice ragione che gli uni e gli altri in lui credono. La terribile carneficina di Münster ha insegnato all'apprendista che, al contrario di quel che avevano promesso, le religioni non sono mai servite ad avvicinare gli uomini, e che la più assurda di tutte le guerre è una guerra religiosa, considerando che Dio non può, anche se lo volesse, dichiarare guerra a se stesso...

Ciechi. L'apprendista ha pensato: «Siamo ciechi», e si è seduto a scrivere il romanzo *Ensaio sobre a cegueira* [Saggio sulla cecità ma in italiano *Cecità*], per ricordare a chi lo andasse a leggere che noi usiamo in modo perverso la ragione quando umiliamo la vita, che la dignità dell'essere umano è tutti i giorni insultata dai potenti del nostro mondo, che la menzogna universale ha preso il posto delle verità plurali, che l'uomo ha smesso di rispettare se stesso quando ha perduto il rispetto che doveva al suo simile. Poi, l'apprendista, come se tentasse di esorcizzare i mostri generati dalla cecità della ragione, si è messo a scrivere la più semplice di tutte le storie: una persona che va alla ricerca di un'altra persona solo perché ha compreso che la vita non ha nulla di più importante da chiedere a un essere umano. Il libro s'intitola *Todos os nomes* [trad. it. *Tutti i nomi*]. Non scritti, tutti i nostri nomi stanno là. I nomi dei vivi e i nomi dei morti.

Termino. La voce che ha letto queste pagine ha voluto essere l'eco delle voci congiunte dei miei personaggi. Non ho, a ben vedere, più voce della voce che loro hanno avuto. Perdonatemi se vi è sembrato poco questo che per me è tutto.

*Discurso pronunciado no Banquete Nobel,
em 10 de Dezembro de 1998*

Majestades, Alteza Real, Senhoras e Senhores,

Cumpriram-se hoje exactamente cinquenta anos sobre a assinatura da Declaração Universal de Direitos Humanos. Não têm faltado, felizmente, comemorações à efeméride. Sabendo-se, porém, com que rapidez a atenção se fatiga quando as circunstâncias lhe impõem que se aplique ao exame de questões sérias, não é arriscado prever que o interesse público por esta comece a diminuir a partir de amanhã. Claro que nada tenho contra actos comemorativos, eu próprio contribuí para eles, modestamente, com algumas palavras. E uma vez que a data o pede e a ocasião não o desaconselha, permita-se-me que pronuncie aqui umas quantas palavras mais.

Como declaração de princípios que é, a Declaração Universal de Direitos Humanos não cria obrigações legais aos Estados, salvo se as respectivas Constituições estabelecem que os direitos fundamentais e as liberdades nelas reconhecidos serão interpretados de acordo com a Declaração. Todos sabemos, porém, que esse reconhecimento formal pode acabar por ser desvirtuado ou mesmo denegado na acção política, na gestão económica e na realidade social. A Declaração Universal é geralmente considerada pelos poderes económicos e pelos poderes políticos, mesmo quando presumem de democráticos, como um documento cuja importância não vai muito além do grau de boa consciência que lhes proporcione.

Nestes cinquenta anos não parece que os Governos tenham feito pelos direitos humanos tudo aquilo a que, moralmente, quando não por força da lei, estavam obrigados. As injustiças multiplicam-se no mundo, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrénica humanidade que é capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição

*Discorso pronunciato al Banchetto del Nobel,
il 10 dicembre 1998*

Maestà, Altezza Reale, Signore e Signori,

Ricorrono esattamente oggi cinquant'anni dalla firma della Dichiarazione Universale dei Diritti Umani. Non sono mancate, fortunatamente, commemorazioni all'effemeride. Si sa, però, con quale rapidità l'attenzione si stanchi quando le circostanze le impongono che si applichi all'esame di questioni serie, non è azzardato prevedere che l'interesse pubblico per questa cominci a diminuire già a partire da domani. È chiaro che non ho nulla contro gli atti commemorativi, io stesso vi ho contribuito, modestamente, con alcune parole. E una volta che il giorno lo richiede e l'occasione non lo sconsiglia, mi sia permesso pronunciare qui qualche altra parola.

Come dichiarazione di principi quale è la Dichiarazione Universale dei Diritti Umani non crea obblighi legali agli Stati, salvo che le rispettive Costituzioni stabiliscano che i diritti fondamentali e le libertà in esse riconosciute siano interpretate in accordo con la Dichiarazione. Tutti sappiamo, però, che quel riconoscimento formale può finire per essere deprezzato o anche denegato nell'azione politica, nell'azione economica e nella realtà sociale. La Dichiarazione Universale è generalmente considerata dai poteri economici e dai poteri politici, anche quando si presume democratici, come un documento la cui importanza non va molto al di là del grado di buona coscienza che le si proporziona.

In questi cinquant'anni non sembra che i Governi abbiano fatto per i diritti umani tutto quello che, moralmente - quando non per forza della legge - erano obbligati a fare. Nel mondo, le ingiustizie si moltiplicano, le disuguaglianze si aggravano, l'ignoranza cresce, la miseria dilaga. La stessa schizofrenica umanità che è capace di inviare strumenti a un pianeta per studiare la composizione

das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte neste tempo do que ao nosso próprio semelhante.

Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não andam a cumpri-lo os Governos, seja porque não sabem, seja porque não podem, seja porque não querem. Ou porque não lho permitem os que efectivamente governam, as empresas multinacionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a uma casca sem conteúdo o que ainda restava de ideal de democracia. Mas também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos. Foi-nos proposta uma Declaração Universal de Direitos Humanos, e com isso julgámos ter tudo, sem repararmos que nenhuns direitos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem, o primeiro dos quais será exigir que esses direitos sejam não só reconhecidos, mas também respeitados e satisfeitos. Não é de esperar que os Governos façam nos próximos cinquenta anos o que não fizeram nestes que comemoramos. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra e a iniciativa. Com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicarmos os nossos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor.

Não estão esquecidos os agradecimentos. Em Frankfurt, onde estava no dia 8 de Outubro, as primeiras palavras que disse foram para agradecer à Academia Sueca a atribuição do Prémio Nobel de Literatura. Agradei igualmente aos meus editores, aos meus tradutores e aos meus leitores. A todos volto a agradecer. E agora quero também agradecer aos escritores portugueses e de língua portuguesa, aos do passado e aos de agora: é por eles que as nossas literaturas existem, eu sou apenas mais um que a eles se veio juntar. Disse naquele dia que não nasci para isto, mas isto foi-me dado. Bem hajam, portanto.

delle sue rocce, assiste indifferente alla morte per fame di milioni di persone. Di questi tempi si giunge più facilmente a Marte che al nostro stesso simile.

Qualcuno non compie il suo dovere. Non lo compiono i Governi, sia perché non lo sanno, sia perché non possono, sia perché non vogliono. O perché non glielo permettono quelli che effettivamente governano, le imprese multinazionali e pluricontinentali il cui potere, assolutamente non democratico, ha ridotto a una scorza senza contenuto ciò che ancora restava dell'ideale della democrazia. Ma non compiono il loro dovere neanche i cittadini che siamo. Ci è stata proposta una Dichiarazione Universale dei Diritti Umani, e con questo abbiamo pensato di avere tutto, senza badare che nessun diritto potrà sussistere senza la simmetria del dovere che gli corrisponde, il primo dei quali sarà di esigere che quei diritti siano non solo riconosciuti, ma anche rispettati e soddisfatti. Non c'è da sperare che i Governi facciano nei prossimi cinquant'anni quello che non hanno fatto in questi che commemoriamo. Prendiamo dunque, noi cittadini comuni, la parola e l'iniziativa. Con la stessa veemenza e la stessa forza con cui rivendichiamo i nostri diritti, rivendichiamo anche il dovere dei nostri doveri. Forse il mondo potrà cominciare a diventare un poco migliore

Non ho dimenticato i ringraziamenti. A Francoforte, dove ero il giorno 8 ottobre, le prime parole sono state per ringraziare l'Accademia Svedese per l'attribuzione del Premio Nobel per la Letteratura. Ho ringraziato anche i miei editori, i miei traduttori e i miei lettori. Tutti torno a ringraziare. E ora voglio anche ringraziare gli scrittori portoghesi e di lingua portoghese, quelli del passato e quelli di ora: è grazie a loro che le nostre letterature esistono, io sono appena uno in più che a loro si viene a unire. Quel giorno ho detto che non sono nato per questo, ma questo mi è stato dato. Onore a voi, dunque.





